

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

O papel do psicólogo na prevenção do consumo de drogas por adolescentes em uma escola pública da rede municipal de Campo Maior/PI.

Eldânia Maria Machado Mororó Carvalho¹
Cintia Maria de Melo Mendes²

¹ Psicóloga, Especialista em Saúde da Família e Comunidade - UFPI/UNA-SUS. Email: eldaniammororo@hotmail.com.

² Médica e Doutora em Farmacologia pela UFC. Email: cintiamariamm@gmail.com.

RESUMO

O consumo de drogas tem se iniciado cada vez mais cedo entre os adolescentes, sendo que muitas vezes a presença deste se dá ainda na escola, local que deveria servir para distanciar o discente deste problema. No entanto, não é raro verificar a presença do uso de drogas entre adolescentes em instituições de ensino. Desse modo, este estudo tem como objetivo geral sugerir atividades que possam ser desenvolvidas pelo psicólogo na prevenção do uso de drogas entre adolescentes, com foco em uma escola da rede municipal de Campo Maior /PI. Para tanto, foi realizado projeto de intervenção a partir da verificação do problema existente entre alunos do Ensino Fundamental, podendo servir não apenas para reflexão, mas para mudanças neste problema que pode ser detectado entre os jovens com a atuação do psicólogo. Nesse sentido, a intervenção do profissional psicólogo pode se dá sob diversos aspectos, propondo atividades de convivência diária em que haja integração da comunidade escolar com demais membros da sociedade. A intervenção do psicólogo é fundamental, por isso, as sugestões delineadas dizem respeito à prevenção ao uso de drogas, que deve se dá com a participação de pais, alunos, psicólogo e demais profissionais da escola, em que estes efetuem palestras, rodas de conversas, reuniões e outras atividades sugeridas e que visam a interação entre todos, promovendo a participação familiar na escola e contribuindo para o afastamento dos alunos do uso de drogas.

Palavras-chave: Alunos. Drogas. Psicólogo. Escola.

ABSTRACT

The consumption of drugs has been started increasingly earlier among the adolescents, being that many times the presence of this happens while still at school, a place that should serve to distance the student of this problem. However, it is not uncommon to check for the presence of drug use among teenagers in educational institutions. Thus, this study has as general objective to analyze the role of the psychologist in the prevention of drug use among adolescents, with a focus on a school of the municipal district of Campo Maior /PI. Therefore, it was held intervention project of verification of the existing problem among Elementary School students, serving not only to reflection, but to changes in this problem that can be detected among young people. In this sense, the intervention gave from a professional psychologist, who worked with a multidisciplinary team to achieve the objectives proposed for this research. The intervention of the psychologist is fundamental, for this reason, the suggestions outlined relate to the prevention of drug use, that must be gives with the participation of parents, students, psychologist, and other professionals in the school, in which they carry out lectures, the wheels of conversations, meetings, and other activities that are suggested and that are aimed at the interaction between all, and promoting family involvement in school and contributing to the disengagement of students in the use of drugs.

Keywords: Students. Drugs. Psychologist. School.

1 INTRODUÇÃO

Para Tiba (2011), o tema consumo de drogas entre adolescentes está cada dia mais crescente, tornando-se um assunto muito frequente nas escolas, que como instituição de ensino, deve buscar ampliar os conhecimentos sobre o assunto e levá-los aos adolescentes, no sentido de evitar seu uso.

Nessa ótica, discutir este assunto se faz de extrema relevância, pois possibilita sugerir ao psicólogo, atividades que podem ser desenvolvidas na escola visando combater o consumo de drogas por adolescentes.

Ao se observar a realidade das escolas, os alunos apresentam todos os tipos de comportamento, alguns dos quais devem ser analisados de maneira mais profunda, visto que não são comportamentos próprios da idade. (RIZZINI, 2012)

Segundo Dalgalarrodo (2012), essa situação pode ser percebida pelos profissionais que trabalham em escolas, já que muitos professores e demais profissionais das instituições de ensino acompanham seus alunos há bastante tempo, o que permite com que este faça um mapeamento do rendimento de seus alunos e possa contribuir para detectar possíveis problemas relacionados ao contexto familiar, de amigos ou mesmo uso de drogas, seja dentro ou fora da escola.

Nessa ótica, entende-se que o psicólogo, como profissional atencioso que é, pode contribuir de forma decisiva na detecção do problema do uso de drogas, bem como na prevenção deste, em relação aos discentes que eventualmente, possam estar em situação de vulnerabilidade social e correndo o risco de se inserir no mundo das drogas, visto que

muitas vezes, esta inserção se dá pela própria participação da família, conforme mencionam Esslinger e Kovács (2013).

Dessa forma, entende-se que a avaliação do psicólogo deve partir da escola para a família, pois a participação desta possibilita a detecção de um possível problema com o aluno.

Sendo assim, a problemática de investigação se volta para o seguinte questionamento: Que atividades o Psicólogo escolar pode desenvolver na escola para a prevenção do consumo de drogas por adolescentes? Visando responder a este e outros questionamentos que porventura possam surgir, sugere-se que o tema seja trabalhado de forma interdisciplinar, ou seja, com a participação de outros profissionais da escola que podem contribuir com solução para o problema.

A hipótese principal se sustenta no sentido de que acredita-se que o psicólogo pode contribuir e atuar na prevenção do uso de drogas por adolescentes nas escolas por meio de atividades interdisciplinares, já que este profissional desenvolve atividades importantes na interação entre filhos, pais e escola, o que contribui para que estes adolescentes não se envolvam nesse problema que cresce a cada dia no Estado.

O embasamento teórico do estudo foi fundamentado em autores consagrados no tema, tais como: Dalgalarrodo (2012), Tiba (2011), Esslinger e Kovács (2013), Sielski (2012), Rizzini (2012), dentre outros.

A escola sugerida para a intervenção é da rede pública municipal de ensino e se encontra localizada no município de Campo

Maior/PI, cujos alunos possuem uma realidade social bastante complexa e vulnerável.

Este estudo tem como objetivo geral sugerir atividades que possam ser desenvolvidas pelo psicólogo na prevenção do uso de drogas entre adolescentes, com foco em uma escola da rede municipal de Campo Maior /PI. Como objetivos específicos, têm-se que: relacionar as atribuições do psicólogo na escola; descrever as atividades que podem ser realizadas pelo psicólogo na escola, no sentido de evitar o consumo de drogas por adolescentes; refletir que atividades escolares são eficazes na prevenção ao uso de drogas; e integrar escola e comunidade para prevenção do uso de drogas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Reflexões sobre o uso de drogas na escola e o papel do Psicólogo na prevenção do consumo

As drogas consistem em substâncias que quando usadas produzem alterações no organismo do indivíduo, isto é, atua por meio de mudanças comportamentais, de percepção, sensoriais ou mesmo físicas, inclusive sobre o grau de consciência da pessoa, seu estado emocional e psicológico, por isso, é considerando um problema de saúde pública.

Na visão de Dalgarrondo (2012), as drogas psicoativas podem ser conceituadas como sendo qualquer substância química que, ao ser ingerida, altera funções do sistema nervoso central, provocando efeitos psíquicos e comportamentais. Para Tiba (2011), estas drogas são muito perigosas porque ao atingir áreas reservadas aos recônditos bioquímicos

dos neurotransmissores e seus receptores, podem trazer inicialmente, sensações de prazer, sensações estas que posteriormente podem ser substituídas por raiva, medo ou depressão.

No entanto, não são apenas as drogas ilícitas que são consideradas nocivas. O termo drogas atinge também aquelas que cujo uso é liberado, tais como o cigarro, a bebida alcoólica, os depressivos ou mesmo remédios para emagrecimento. Algumas delas inclusive podem ser adquiridas facilmente em lojas, como solventes e cola de sapateiro, por exemplo.

Mesmo causando problemas, as drogas são utilizadas porque provocam, inicialmente, sensações de prazer, atuando no sistema nervoso central (SNC), na área responsável pelo sistema de recompensa, liberando dopamina, substância que dá sensação de que você está sendo recompensado por algo, causando grande prazer e estimulando a repetição do comportamento do indivíduo, fazendo-o a buscar novamente aquela sensação por meio da droga, que foi o que a provocou. Esse comportamento repetitivo, segundo Tiba (2011), transforma-se em desejo, o que estimula o uso cada vez maior da substância.

Para Esslinger e Kovács (2013), o uso frequente de drogas pode ser explicado pelo fato de os seres humanos gostarem do que é proibido, de transgredir, testando sempre seus limites. Essas sensações de transposição são estimuladas pelas drogas, contribuindo para que o indivíduo se sinta poderoso.

Estes autores prosseguem afirmando que as questões ligadas ao uso de drogas são bastante complexas porque envolvem uma série de fatores, afetando não apenas o

indivíduo que a consome, mas também todos os que estão a sua volta. Por isso, o uso de drogas é um problema social que deve ser enfrentado por várias camadas envolvidas nesta problemática.

Exatamente por isso, a escola, como uma das células sociais mais importantes da vida do indivíduo, deve atuar de forma direcionada para o problema do uso de drogas por discentes, tendo neste enfoque papel fundamental todos os que dela participam, incluindo, então, professores, coordenadores, pedagogos, diretores, psicólogos e os demais que colaboram com as instituições públicas de ensino (SIELSKI, 2012).

Quando o uso de drogas em escolas atinge o público adolescente, a situação é ainda mais complexa, pois estes estão em formação e por estarem nesta condição, podem ser influenciados mais facilmente. Nesse contexto, torna-se essencial que os profissionais da escola estejam devidamente preparados para atuar sobre estas pessoas, já que na fase da adolescência, as sensações são mais aceleradas, o desejo de transgredir as regras é frequente, o que pode ser perigoso (DALGALARRONDO, 2012).

Nessa ótica, alguns fatores são importantes para que se compreenda como as drogas podem ingressar na vida de um adolescente. Assim, elementos como: características individuais do dependente de drogas e ambiente familiar, bem como características da droga utilizada e frequência de uso, podem ser determinantes para uma história de vida ligada às drogas desde muito cedo. (ESSLINGER; KOVÁCS, 2013).

Há que se admitir que as campanhas contra o uso de drogas existem e a mídia tem contribuído neste aspecto. Contudo, é cada

vez maior o número de usuários de drogas, especialmente, entre adolescentes, o que pode ser explicado pelos fatores determinantes, anteriormente elencados. Associados a estes fatores, podem contribuir com o uso de drogas a falta de limites impostas por alguns pais a seus filhos; falta de cuidado dos pais que, por trabalharem bastante, muitas vezes, deixam seus filhos livres para fazerem o que quiserem; falta de diálogo; influência de alguns amigos, dentre outros (SIELSKI, 2012).

É a partir deste enfoque que se delineiam algumas causas para o uso de drogas. Na visão de Sielski (2012), inúmeros são os fatores que levam um adolescente ao uso de drogas, podendo variar de pessoa para pessoa, não existindo, por isso, um fator linear e comum a todos os indivíduos.

Nesse contexto, a mídia tem papel fundamental, tanto para difundir os problemas que as drogas podem trazer para o indivíduo como para contribuir para seu uso. Este paradoxo pode ser explicado pelo fato de as crianças crescerem vendo na televisão propagandas voltadas para o consumo de álcool, ligadas por exemplo, a lindas mulheres, passando uma imagem “positiva”, de “felicidade” sobre o consumo destas substâncias. O mesmo acontece com o cigarro, que em geral, é associado ao prazer (RIZZINI, 2012).

A partir disso, a criança ou adolescente passa a querer conhecer a droga pelo prazer que ela pode passar, ocasionando o consumo posterior de outras, cada vez mais perigosas e que o colocam em situação de um poderoso vínculo, sem a qual não consegue mais viver.

Para Tiba (2011), tais anúncios veiculados nas televisões e que sugerem o consumo de drogas “legais” ficam interiorizados nas crianças e que, dependendo do histórico de vida da pessoa, pode ser despertado na adolescência, trazendo graves prejuízos para esta.

Estas crianças e adolescentes encontram-se em situação de risco pessoal e social, ficando expostos à violência, ao uso de drogas e a um conjunto de experiências relacionadas a privações de ordem afetiva, cultural e socioeconômica que desfavorecem o pleno desenvolvimento biopsicossocial, sendo que estes riscos sociais e pessoais podem prejudicar o processo de crescimento e desenvolvimento ou mesmo limitar a qualidade de vida, gerando conflitos interiores e desencadeando a busca por algo que preencha estes “espaços vazios” que ela pode ter em sua vida (MEDEIROS, 2014).

Na visão de Rizzini (2012, p. 4):

O conceito de adolescente em “situação de risco” (pessoal e social) passa a ser utilizado na tentativa de adequar os novos enfoques à realidade atual, reconhecendo-se que as mudanças significativas em geral pressupõem um processo lento e complexo de negociações, ajustes e mudança de mentalidade e atitudes e foi criado exatamente para contribuir na prevenção do uso de drogas. É fundamental destacar que, neste sentido, a tendência é o fortalecimento da noção de prevenção, priorizando-se ações que diminuam as chances de se intervir quando os problemas tornam-se irreversíveis.

Percebe-se, então, que a concepção de risco pessoal e social é bem abrangente, considerando os múltiplos aspectos que caracterizam a desproteção deste indivíduo, inclusive no que diz respeito ao uso de drogas.

Assim, no combate à prevenção do uso de drogas, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) dispõe de medidas de proteção a crianças e adolescentes descritos nos artigos 98, 99, 100 e 101, que normatizam:

Capítulo I - Disposições Gerais:

Art. 98 - As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados: I - por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II - por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III - em razão de sua conduta.

Capítulo II – Das medidas específicas de proteção:

Art. 99 – As medidas previstas neste capítulo poderão ser aplicadas isolada ou cumulativamente, bem como substituídas a qualquer tempo.

Art. 100 – Na aplicação das medidas levar-se-ão em conta as necessidades pedagógicas, preferindo-se aquelas que visem ao fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Art. 101 – Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 98, a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas: I – encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade; II – orientação, apoio e acompanhamento temporários; III – matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental; IV – inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente; V – requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial; VI – inclusão em programa oficial ou comunitário, de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; VII – abrigo em entidade; VIII – colocação em família substituta. Parágrafo único – O abrigo é medida provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para a colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade.

Verifica-se que o artigo 101 é bem claro quando comenta orientação e tratamento

a alcoólatras e toxicômanos, como medida de proteção à criança e ao adolescente.

Nesse enfoque, a escola, como já mencionado, tem papel importante na prevenção ao uso de drogas por crianças e adolescentes, já que é na escola que a criança ou adolescente passa boa parte de sua vida. Por isso, deve atuar na prevenção do uso de drogas por seus alunos. Na visão de Tiba (2011), a escola tem como atuar não somente na prevenção, mas também na detecção do problema, quando este já existe.

Nessa ótica, o psicólogo, como profissionais que é da educação, poderá contribuir de modo decisivo para prevenir o uso de drogas na escola na qual trabalha. Dessa forma, pode tomar atitudes referentes à prevenção, quais sejam: atuar na perspectiva sistêmica, ou seja, que o fenômeno das drogas é multifatorial e por isso, muito complexo; contribuir com a criação de vínculos afetivos, estimulando os alunos e a família neste aspecto; acolher as crianças e adolescentes, escutando-os com interesse; dialogar com frequência com os alunos; evitar a ociosidade dos discentes na escola; promover atividades de lazer e associá-las à questão do uso de drogas, no sentido de mostrar seu lado negativo para prevenir seu uso (RIZZINI, 2012).

Ademais, o psicólogo deve sempre contatar a família do discente, mobilizando-a quando algum problema for detectado; falar com os alunos de modo claro e objetivo, desconectando-se do preconceito e de atitudes punitivas, sempre no sentido de acolhe-los.

Por outro lado, o psicólogo deve buscar sempre a compreensão, ajudando o discente que esteja com algum problema,

sendo compreensivo, mas não conivente com atitudes que possam estar ligadas ao uso de drogas.

O psicólogo deve atuar na escola por meio da informação, no sentido de que esta reduz a curiosidade da criança ou do adolescente, evitando que ele a busque. Por isso, para prevenir o uso de drogas o psicólogo deve buscar também a conscientização. Para tanto, o psicólogo deve ter discernimento e sensibilidade sobre o melhor momento para conversar sobre o tema, seja através de palestras que envolvem todo o corpo discente da escola ou mesmo a partir de abordagens individuais (RIZZINI, 2012).

Dessa forma, práticas educativas podem ser importantes aliadas dos psicólogos, as quais podem ser realizadas por meio de parcerias entre este profissional e outros, como: assistente social, pedagogo, professores, coordenadores e diretores. Essas práticas podem ser rodas de conversas, palestras, brincadeiras, encenações, dentre outras ações que podem ser efetivas se conduzidas de modo cuidadoso e estudado, com objetivo definido.

Nesse contexto, a prevenção pode ser conduzida a partir da análise de comportamentos dos alunos, sejam estes anti-sociais ou mesmo depressivos, práticas familiares (consumo de bebida alcoólica em casa ou mesmo outras substâncias psicoativas), ociosidade, valores inculcados pela família ou ausência de valores morais, relacionamento familiar, rendimento escolar e evasão, grupos de amigos, dentre outros temas que podem servir para reflexão e podem ser determinantes para inserção do adolescente no mundo das drogas (RIZZINI, 2012).

O psicólogo, ao realizar atividades voltadas para o contexto familiar, deverá convidar os familiares do adolescente para participar de ações na escola, com programação voltada para estes. Seria um momento no qual haveria maior percepção do problema de uso das drogas, bem como uma forma de socializar a família e o aluno no ambiente escolar, o que proporcionaria a interação entre os pais e filhos, e assim, fortaleceria a convivência entre estes.

Uma das grandes aliadas da prevenção ao uso de drogas é a motivação dos alunos e verificação da disponibilidade dos pais na colaboração do processo educativo. Quando o indivíduo se sente motivado, será muito difícil ele aceitar usar drogas, seja por influência de alguém ou mesmo por vontade própria, já que quando a pessoa se sente motivada seu nível de autoestima fica elevado, o que acaba incidindo em seu comportamento, já que ele se sente valorizado. Até porque muitas pessoas ingressam no mundo das drogas por conta de estarem com autoestima

baixa, gerando inclusive depressão, o que pode acarretar na fuga de problemas por meio do uso de drogas (RIZZINI, 2012).

Na escola, o psicólogo, juntamente com outros profissionais, podem desenvolver projetos no contraturno dos alunos. Projetos estes voltados para a prevenção do uso de drogas na escola e fora dela. Atividades no contraturno contribuem bastante para o desempenho do aluno, pois estes ficarão mais tempo no ambiente escolar, evitando a ociosidade, além de contribuir para sua interação com os colegas e com os professores, proporcionando melhor desempenho escolar.

Ademais, atividades na escola promovem o conhecimento sobre assuntos importantes, como o não uso de drogas e podem ajudar a evitar a exclusão do indivíduo e o bullying, que para alguns autores, podem ser fatores motivadores de inserção no uso de drogas. Nesse sentido, o psicólogo pode atuar de modo decisivo para a prevenção do uso de drogas, sejam ilícitas ou não.

3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO JUNTO À ESCOLA: UM OLHAR SOBRE A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO

3.1 Plano de Intervenção

SITUAÇÃO-PROBLEMA	OBJETIVOS	METAS/PRAZOS	AÇÕES/ESTRATÉGIAS	RESPONSÁVEIS
Que atividades o Psicólogo escolar pode desenvolver na escola para a prevenção do consumo de drogas por adolescente?	Descrever as atividades que podem ser realizadas pelo psicólogo na escola, no sentido de evitar o consumo de drogas por adolescente;	Adolescentes sensibilizados para o não uso de drogas. Quinze dias.	<ul style="list-style-type: none"> • Palestras multidisciplinares e multiprofissionais; • Rodas de conversas; • Brincadeiras; • Apresentação de mostra de vídeos sobre o uso de drogas e os problemas decorrentes deste uso. 	Psicólogo
Quais as atividades podem ser mais eficazes na prevenção do uso de drogas?	Refletir que atividades escolares são eficazes na prevenção ao uso de drogas;	Atividades desenvolvidas de forma a levar a discussão sobre o combate ao uso de drogas para a escola. Quinze dias.	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar rodas de conversas com participação dos pais e dos alunos. 	Psicólogo
Como a integração da escola e da comunidade pode contribuir para a prevenção do uso de drogas?	Integrar escola e comunidade para prevenção do uso de drogas.	Pais e demais membros da comunidade sensibilizados quanto aos valores repassados aos filhos para o não uso de drogas. Quinze dias	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de atividades de brincadeiras de interação entre alunos, pais, professores e demais servidores da escola. • Reuniões com os pais dos alunos. Quinze dias	Psicólogo e demais profissionais da escola

Sugere-se que as intervenções na escola se deem com acompanhamento quinzenal, com elaboração de convites para que os pais e os alunos em situação de vulnerabilidade possam assistir à palestra realizada pelo psicólogo da escola com participação da assistente social, do diretor e do coordenador da instituição de ensino, todos juntos, de forma que esta palestra seja ouvida pela comunidade acadêmica e, dessa forma, um trabalho mais efetivo seja alcançado, já que, segundo o psicólogo, é comum a realização de palestra, só que de forma individualizada com cada segmento.

O tema da palestra deverá ser escolhido em comum acordo, a partir de reunião com todos os participantes. Uma sugestão é que este tenha o seguinte tema: “Drogas x escola: caminhos que não se cruzam”.

O psicólogo, juntamente com os demais profissionais podem usar indicadores para aferir o grau de execução das ações, dentre os quais: a) verificação da execução da palestra em conversa com um grupo de pais e de alunos; b) relatório fotográfico das rodas de conversas e das reuniões com pais dos alunos que podem ser realizadas na própria escola; c) identificação das brincadeiras que podem ser realizadas a partir de questionário que permita relacionar as ações que efetivamente podem ser realizadas na escola.

O psicólogo deve convidar a assistente social, o coordenador e o diretor da escola, bem como alunos em situação de vulnerabilidade que devem ser identificados pelo rendimento escolar e pelos relatórios do psicólogo que os acompanham, bem como os pais para participarem da execução das atividades.

As atividades sugeridas para realização na escola vão desde palestras e reuniões até brincadeiras que podem ser realizadas na escola, com a presença dos alunos, pais e comunidade local, devendo estas serem registradas para posterior mostra fotográfica na própria escola

Essa participação deverá acontecer de forma dinâmica, a partir de brincadeiras que podem ser desenvolvidas no próprio auditório da escola, permitindo que haja interação entre estes, seus filhos e os profissionais da instituição de ensino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações apresentadas neste estudo dão conta de que a intervenção do psicólogo na escola é fundamental para que os alunos não ingressem no mundo das drogas, o que pode se dá de forma preventiva, sendo esta a mais recomendada.

Nesse sentido, cabe ao psicólogo atuar como mediador entre alunos, família e comunidade escolar, para que ao trabalhar o tema das drogas, os discentes conheçam a realidade desse assunto e possam, então, não se aproximar destas que tanto fazem mal à sociedade de modo geral.

Por isso, as sugestões descritas neste estudo poderão contribuir como orientação para que o psicólogo trabalhe este tema de forma lúdica e com a participação de seus colegas de trabalho e também da comunidade.

A intervenção e acompanhamento quinzenal podem contribuir para que os alunos se sintam mais acolhidos pela equipe escolar e, assim, afaste-se das drogas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Secretaria de Direitos Humanos. Brasília, 1996.

DALGALARRONDO, P **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre. Editora Artes Médicas do Sul, 2012.

ESSLINGER, I.; KOVÁCS, M. J. **Adolescência: Vida ou morte**. São Paulo: Editora Ática, 2013.

MEDEIROS, Eduardo Silva. **Efeitos das drogas psicoativas em adolescentes**. Sao Paulo: LTB, 2014.

RIZZINI, I. **O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula, 2012.

SIELSKI, F. – **Filhos que usam Drogas**. Curitiba: Editora Adrenalina, 2012.

TIBA, I. **Juventude e Drogas: anjos caídos**. São Paulo: Integrare Editora, 2011.